



O IMAGINÁRIO MEDIEVAL E O LIVRO DAS MARAVILHAS DE MARCO POLO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3632

Luana Martins de Mello, UEM
Jaime Estevão dos Reis, UEM

Resumo

Neste trabalho serão apresentadas algumas discussões acerca do *Livro das Maravilhas* de Marco Polo que foi escrito em 1298 numa prisão em Gênova. Marco Polo foi um mercador veneziano que viajou aos 17 anos para a Ásia, onde passou 25 anos na corte do Imperador Mongol Kublai Khan, explorando várias regiões do Império e descrevendo-as para o Khan. O livro foi escrito a partir de uma cooperação entre Polo e Rustichello de Pisa, considerado por alguns estudiosos do assunto o co-autor da obra, acabando por definir alguns objetivos literários. Rustichello, homem da corte, trovador ou menestrel, que assim como Polo passou muito tempo fora de sua terra natal. Escrevia novelas de cavalaria e ficou conhecido por vários escritos nos quais explica as grandes gestas dos Cavaleiros da Távola Redonda. Para percebermos alguns aspectos do imaginário medieval a partir da obra, buscamos entender, para além do conteúdo exposto no livro, a influência e participação do mercador veneziano e do escritor pisano, de que forma o maravilhoso é apresentado, o público para o qual o livro foi escrito e sua recepção e propagação quando traduzido em outras línguas. Para a análise, foram utilizados autores que apresentam discussões diversas sobre o *Livro das Maravilhas*, como John Larner (2001), Jacques Heers (2004) e Márcia Regina Busanello (2012) e autores que apontam para o papel do historiador no tratamento aos documentos, como Jacques Le Goff (1994), Roger Chartier (1990) e Sandra Jatahy Pesavento (2005).

Palavras Chave:

Livro das Maravilhas;
Viagens; Imaginário.

Introdução

O Livro das Maravilhas foi escrito por Rustichello de Pisa, a partir dos relatos das viagens de Marco Polo, quando os dois se encontravam presos em Gênova no ano de 1298. Marco Polo partiu de Veneza, com seu pai e seu tio, ambos comerciantes, quando tinha apenas 17 anos e durante sua estadia esteve a serviço do imperador mongol, Kublai Khan, viajando e relatando características sociais, econômicas e geográficas sobre diversas regiões do Império, retornando 24 anos depois, quando se envolveu nas batalhas entre Gênova e Veneza e acabou sendo preso, ocasião em que a obra foi escrita.

Os Polo, viajantes, se enquadram no conjunto dos tantos viajantes que empreenderam seus pèriplos por motivos diversos no período da Idade Média, mas independente do tipo de viagem empreendida, esses deslocamentos contribuíram para a expansão do conhecimento sobre outras regiões, povos e culturas. As categorias de viajantes e de que forma se realizavam as viagens na Idade Média, foram abordadas por Pablo Castro Hernández em seu artigo *La idea del viaje en la Edad Media. Una aproximación al espíritu del viajero y la búsqueda de nuevos mundos* (2003) e José Ángel García de Cortázar em sua obra *El hombre medieval como "Homo Viator": peregrinos y viajeros* (1993).

Essas viagens proporcionaram um conjunto de relatos escritos, de obras que compõem os livros de viagens medievais, formando um gênero bastante diversificado e analisado por autores como Paulo Lopes em *Os livros de viagens medievais* (2006) e Eugenia Popeanga em seu artigo *Lectura e investigación de los libros de viajes medievales* (1991). Esses livros de viagens contaram com uma grande produção no período de transição entre os séculos finais da Idade Média e o Renascimento, momento em que o conhecimento do espaço pelos viajantes ainda não descarta o elemento lendário e

mitológico.

É importante destacar que, como assinala Lopes, esses livros se destinavam principalmente aos círculos cavaleiresco e aristocrático, mas terminaram por atingir um público maior, exercendo sobre seus leitores uma grande influência que pode ser percebida a partir da contribuição para a ampliação do horizonte de conhecimentos da época (LOPES, 2006).

Para entendermos a influência de Rustichello de Pisa e de Marco Polo na obra e conseguirmos acessar alguns aspectos do imaginário social registrados por essa fonte literária, é fundamental que consideremos o papel do historiador diante dos documentos, conforme adverte Jacques Le Goff em sua obra *História e Memória* (1994). Ele aponta que o historiador deve refletir sobre as condições históricas em que um determinado documento foi produzido, por quem, como e com quais intenções, atento ao lugar em que foi produzido e às relações de poder que cercam esse lugar, pois sem isso, a análise do historiador não compreenderá realmente os significados de determinado documento. Tratando da transformação do documento em monumento, Jacques Le Goff expõe que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1994, p. 545) e nesse sentido, chama a atenção para uma crítica ao documento que compreenda o objeto que foi transformado em documento e as motivações da perpetuação desse objeto através da história.

Compreendendo a literatura como uma forma de representação social e histórica, pois ela representa as experiências humanas, pensamentos, práticas, sonhos e hábitos de uma determinada época, sendo um produto de um mundo social e cultural e constituinte desse mundo, Roger Chartier em sua obra *A história cultural: entre práticas e represe*

ntações. (1990) considera que as percepções do social não são neutras e coloca que é importante buscar a posição social dos produtores de um determinado discurso e a utilização desse discurso por eles, mais do que isso, Chartier coloca que os discursos “produzem e revelam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma hierarquia, um projeto, uma escolha” (CHARTIER, 1990, p. 28).

Ainda pensando nessas narrativas como representação de uma determinada realidade, Sandra Jatahy Pesavento abordando a questão da análise textual em seu texto *História e história cultural*, entende o texto como uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articulando a comunicação e a veiculação das representações que contém a escrita, a linguagem e a leitura de maneira indivisível, sendo tudo isso considerado para a elaboração do conhecimento histórico (PESAVENTO, 2004, p. 69-70).

Tendo como fonte uma obra literária, devemos nos atentar às visões de mundo e às memórias expressas por ela, por qual foi o tipo de texto produzido, observar as linguagens praticadas no recorte espaço-temporal e a linguagem em que foi produzida a obra, pois essas organizam os pensamentos e a forma como, por exemplo, Marco Polo e Rustichello de Pisa compreendiam o mundo, quais eram os mecanismos de funcionamento da comunicação, para podermos problematizar essa concepção dos autores e compreender uma pequena parte da mentalidade dos homens inseridos naquela posição social dentro do recorte estabelecido. Temos como base em nossa análise, autores que apresentam discussões diversas sobre o Livro das Maravilhas, como John Larner (2001), Jacques Heers (2004) e Márcia Regina Busanello (2012).

Marco Polo e Rustichello de Pisa

Afora as informações básicas sobre Marco Polo, conforme discutido

por Larner em sua obra *Marco Polo y el descubrimiento del mundo* (2001), é interessante destacar que em fontes chinesas não se encontra nenhuma menção aos nomes dos Polo e os documentos venezianos que falam deles não abordam as viagens, sendo a maior parte das informações sobre os Polo encontradas no prefácio do livro do compilador Ramusio do século XVI. Outras informações sobre Polo podem ser encontradas na versão da fonte utilizada nesta análise, no caso a edição da coleção L&PM POCKET impressa em 1999, estando elas, na introdução que apresenta as notas pesquisadas e organizadas por Stéphane Yerasimos em 1980.

Marco Polo viveu de 1254 até 1324, pertencia a uma família de comerciantes que se estabeleceram em Constantinopla a mais de dois séculos após a instalação dos venezianos na região. No livro, *Marco Polo* (2004), Jacques Heers coloca que os venezianos que se encontravam nessas regiões, principalmente os comerciantes, como os Polo, se converteram em homens do oriente e dali estavam em condições de partir para regiões mais longínquas. Quando, em torno de 1260-61, as terras latinas em Constantinopla se tornaram alvo de ataques, os comerciantes da região perderam suas possessões e foram obrigados a buscar mercados em outros lugares ou voltar para suas pátrias. Foi nesse contexto em que ocorre a primeira grande viagem da família Polo em direção às terras mongóis, nas quais, o estabelecimento de um estado forte e bem organizado, impôs um período de paz que permitiu a circulação de caravanas de comerciantes e de produtos vindos do Extremo Oriente (HEERS, 2004).

A segunda viagem dos Polo se deu por motivos bem definidos, quando retornaram da primeira, levando mensagens do imperador mongol para o papa, e depois, retornando para o Oriente com os pedidos do imperador, juntamente com Marco Polo. Segundo Jacques Heers,

os Polo retornaram à Veneza sem nenhuma fortuna espetacular e a consideração de terem voltado ricos da viagem, foi inventada por Ramusio, aparecendo séculos após a morte de Marco Polo: “a grande aventura de Marco Polo não lhe proporcionou, em sua época, nenhuma fortuna, mas passou praticamente despercebida.” (HEERS, 2004, p.15). Os três viajantes voltaram e se instalaram novamente na cidade, mantendo os negócios da família e se beneficiando de alguns bens que conseguiram trazer da viagem.

Sobre Rustichello de Pisa, a maioria dos estudiosos concordam que foi capturado pelos genoveses na derrota naval sofrida por Pisa em Meloria no ano de 1284 e que seria posto em liberdade por volta de 1299. Assim como Marco, Rustichello foi um italiano que viveu muito tempo fora de seu país, homem da corte, habituado a escrever somente em francês, é bastante conhecido por várias compilações onde explicava as grandes gestas dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Com base numa obra de Rustichello, Méliadus, Lerner estabelece alguns paralelismos verbais existentes entre ela e o Livro das Maravilhas, por exemplo, o começo de ambos os livros é tão semelhante a ponto de evocar as mesmas palavras. O Méliadus faz parte de um gênero da literatura de cavalaria, que foi popular na Itália no período, tendo uma vasta produção ao longo dos séculos XIII e XIV, que tomavam como tema principal: os paladinos, os heróis de Carlos Magno e os integrantes da corte do rei Artur. A maioria dos autores escrevia em francês, mas também existiam escritos em italiano e franco italiano. De qualquer forma, Lerner esclarece que a tradição da qual Méliadus pertence, desempenhou um papel importante na criação do estilo do livro de Marco Polo (LARNER, 2001).

O imaginário medieval e o maravilhoso

Parte das utopias e preocupações

que marcaram o homem medieval foram analisadas por Hilário Franco Júnior em seu livro *As utopias medievais* (1992), no qual as utopias marcantes ocupam os capítulos centrais. A partir dos escritos de Franco Jr. podemos observar em que circunstâncias as ambições do homem medieval se formaram e como essas ambições influenciavam a visão de mundo desse homem, e ao mesmo tempo, mostram problemas que rodearam o meio na qual ele estava inserido.

A partir da falta de uma agricultura planejada, do desconhecimento dos métodos de preservação de alimentos e dos transportes precários, existia a constante ameaça da fome para o homem do medieval, que apesar de afetar com maior frequência as classes mais pobres, não deixava de afetar outras classes sociais. A utopia da abundância está presente em mitos e lendas populares medievais, relacionada à ideia do paraíso terrestre cristão, onde o homem teria comida em abundância e todo o necessário para manutenção da vida a sua disposição (FRANCO JÚNIOR, 1992).

Outras aspirações desses homens são representadas pelo desejo de justiça, que representa por outro lado, a situação da maior parte dos homens que “ficavam inevitavelmente a mercê de nobres, clérigos e funcionários reais ou feudais, muitas vezes donos de grande autonomia e de grande cupidez” (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 54). Esse desejo de justiça foi abordado na obra de Hilário Franco Júnior a partir da utopia do Milênio, na qual existiria um período de paz e justiça que precederia o fim do mundo. Além desta, expõe como o sexo encontrava barreiras para quem desejava se libertar sexual e socialmente, sendo possível encontrar nos discursos de clérigos, categorias hierárquicas de culpabilidade em relação ao sexo.

A ideia de Paraíso para o homem medieval, que Jacques Le Goff coloca como parte do maravilhoso bíblico em seu

texto O maravilhoso no ocidente medieval (1990), é tratada por Franco Jr. como uma inversão da realidade medieval, um lugar no qual o homem do medievo encontraria fartura, paz, saúde e estaria em harmonia com a natureza (FRANCO JÚNIOR, 1992).

Observando de que maneira o homem medieval representava o mundo físico e como essa maneira influenciou seu modo de pensar e agir, Claude Kappler, em sua obra *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média* (1994), explica que é perceptível que as representações cosmográficas não sofreram nenhuma transformação e que “as representações mais antigas combinam perfeitamente com as mais recentes” (KAPPLER, 1994, p.13).

Uma das principais características dessa cosmografia medieval, é que o universo se ordenava numa geometria simbólica e segundo uma escala de valores que determinavam o lugar de cada elemento no mundo, tanto espiritual quanto material. Admitindo a coexistência de sistemas muito diferentes, na qual as diferentes visões de mundo constituíam um clima intelectual que determinava em grande medida as condições das criações individuais (KAPPLER, 1994).

Em relação às formas atribuídas a Terra, expõe que ela foi sucessivamente representada por diversas formas, como exemplo, quadrada, oval ou semicircular, e que estas coexistiram durante muitos séculos, não seguindo uma ordem cronológica de representação e “nenhuma das formas da terra era considerada impossível e mesmo no fim do século XV assiste-se ao nascimento de conjecturas quase tão espantosas para nós quanto as da Idade Média mais remota” (KAPPLER, 1994, p. 20).

Figura 1 - Mapa T.O.

Fonte: Livro XIV, de terra et partibus, da *Etymologiae* (1472) de Isidoro de Sevilha¹

A imagem segundo a qual a terra foi representada na maioria das vezes, deu origem à expressão mapas T.O., ilustrando a estrutura circular e vertical do espírito



medieval. Essa representação do mundo físico veio da descrição do mundo na enciclopédia *Etymologia* de Isidoro de Sevilha, escrita no século VII e impressa pela primeira vez em 1472, apresentando uma Ordem Celeste para o espaço que abrigaria certos lugares destinados a uma função mítica e maravilhosa. Segundo essa ordem, o hemisfério sul seria a parte inferior e “estragada” do mundo, tendo como seu contrário o hemisfério norte, representando a parte nobre da terra que contém em suas extremidades orientais: o paraíso. As supostas localizações do paraíso terrestre não são consideradas fábulas e “cada viagem para o Oriente é um modo de aproximar-se do paraíso” (KAPPLER, 1994, p.35).

Sendo assim, a estrutura universal permite a germinação do maravilhoso. Lugares como ilhas, que representam um lugar fora das leis comuns, vulcões, desertos, montanhas e outros isolados, formaram um terreno

¹ Disponível em: <http://norman.hrc.utexas.edu/krausmaps/details.cfm?mapId=41> Acesso em 24/09/2017.

privilegiado pelo imaginário medieval. Jacques Le Goff constata o inventário do maravilhoso medieval a partir de terras e lugares naturais ou com intensa ação humana, de seres humanos e antropomórficos, de animais e objetos dos mais diversos tipos (LE GOFF, 1990). Ademais, o clima, para os autores medievais, não possuía apenas influência sobre o físico ou a moral, ele modelava os homens a sua imagem: sua má distribuição implicava na feiura, e nesse sentido, a Idade Média é herdeira da Antiguidade (KAPPLER, 1994, p.48).

Mas, o que significa exatamente o maravilhoso quando nos referimos ao homem medieval? Apesar de outras postulações sobre o maravilhoso, como a de Tzvetan Todorov, que relaciona os conceitos de fantástico, estranho e maravilhoso, na obra *Introdução à literatura fantástica* (2008), Jacques Le Goff afirma que não podem ser aplicadas ao maravilhoso medieval, que “a definição de Todorov requer um leitor implícito que tende para uma explicação natural ou sobrenatural. O maravilhoso medieval, pelo contrário, (...), é apresentado através de textos impessoais” (LE GOFF, 1990, p.28).

Para Jacques Le Goff, é impossível pensar o maravilhoso medieval sem considerar o cristianismo como doutrina e ideologia daquele período. Coloca que o termo que entendemos como maravilhoso hoje, corresponde ao termo medieval *mirabilia* e onde vemos uma categoria de espírito ou literária, o homem medieval via um universo de objetos que comportam algo que podia ser admirado com os olhos, ligado a uma série de imagens e metáforas que faziam parte de todo um imaginário, por trás do qual atuavam uma multiplicidade de forças (LE GOFF, 1990). Nesse sentido, percebe a expansão da cristandade por territórios que possuem um patrimônio de culturas antigas, juntamente com o maravilhoso que pertence a essas culturas e a mentalidade das pessoas que se

encontravam nessas regiões.

Sendo o maravilhoso uma herança pré-cristã, podemos observar o modo como a cristandade lidou com essa herança e qual o papel do maravilhoso no seio dela. O maravilhoso no Ocidente medieval teve a tendência de se organizar num universo ao contrário, contrapondo o cotidiano banal e regular, contando com temas como a abundância, liberdade sexual e o ócio, como os trabalhados por Hilário Franco Júnior em *Utopias Medievais* (1992). Por fim, é importante destacar que conforme aponta Jacques Le Goff, o maravilhoso não existe no estado puro, suas manifestações “parecem muitas vezes sem ligação com a realidade quotidiana, mas revelam-se dentro dela” (LE GOFF, 1990, p. 25).

O Livro das Maravilhas

De qualquer forma, o feito mais importante de Marco Polo, não foi o de ter visitado o Extremo Oriente, mas criado um dos livros mais influentes da Idade Média, oferecendo um relato sobre o assombroso império mongol, sobre a China e sua civilização urbana e próspera, sobre as mercadorias que os mercadores não sabiam exatamente de onde vinham, como algumas especiarias e outras mercadorias valiosas, com vários conhecimentos geográficos o que faz John Lerner considerá-lo como um precursor na hora de criar um clima intelectual que incentivou a exploração europeia do mundo não europeu (LARNER, 2001). Graças ao êxito do livro, Marco ficou famoso, mas só após a difusão do livro que foi rapidamente copiado, traduzido e editado em diversos idiomas, com diversos e diferenciados comentários e versões diferentes de acordo com cada edição, todas contendo relatos excêntricos e imagens fabulosas, que fizeram com que a partir de 1500 o veneziano passasse para a posteridade. Jacques Heers considera a imagem de Marco como de uma pessoa representativa, que por múltiplas e inexplicáveis razões, “simboliza a aparição

de um novo espírito, de uma maior abertura ao mundo, ou seja, de um primeiro humanismo, como bem poderíamos dizer” (HEERS, 2004, p. 17). Sendo o êxito de Marco, puramente literário.

Como já mencionado, o Livro das Maravilhas não foi escrito por Marco, não exclusivamente por ele, mas também por Rustichello de Pisa, escrito inicialmente em francês ou em franco italiano, o que era considerado normal para um escritor do norte da Itália que buscava seguir a tradição da prosa narrativa artúrica do século XIII. Jacques Heers e John Lerner concordam que o livro, conhecido pelo título *Devisement du Monde* e para um público que não era o de Veneza e nem dos comerciantes, participou de outro conjunto de interesses que somente se tornou claro graças a vida de Rustichello (HEERS, 2004; LARNER, 2001).

Segundo John Lerner, o que o leitor moderno obtém do livro, e que não busca, é uma obra de geografia que Rustichello tratou de situar no interior das transições, formulações, diálogos e tradições retóricas geralmente da literatura cavaleiresca (LARNER, 2001, p. 92). De acordo com Jacques Heers, Rustichello nos faz pensar nas curiosidades dos príncipes e dos nobres nas circunstâncias daquela época, na produção literária das cortes e na convivência de homens fãs de contos e fábulas. Diferentemente do que se esperava por conta da figura de Marco Polo como mercador veneziano, o livro não trata do mundo dos comerciantes, nem das grandes cidades de negócios, mas sim do maravilhoso que espelha as maravilhas da natureza e é ao mesmo tempo uma recopilação de fábulas, como enciclopédias (HEERS, 2004).

Em sua dissertação de mestrado, *O maravilhoso do Relato de Marco Polo* (2012), Márcia Regina Busanello revela a dupla função que parece ter assumido o relato de Marco, que de um lado foi de encontro a quase tudo o

que a Europa pensava dos mongóis, revelando todo um novo mundo de povos e cidades mais prósperas e ricas que as do ocidente e ao mesmo tempo, desvendou, com as concepções de um homem medieval, várias lendas que faziam parte do imaginário do período (BUSANELLO, 2012, p. 20). Por exemplo, enquanto rompe com o enigma acerca de algumas lendas, o narrador do livro perceptivelmente animado por uma base cristã, avança em seus relatos fazendo referências cheias de admiração e confiança nos milagres que Deus faz a favor dos verdadeiros fiéis, com o intento de mostrar como são os cristãos e de que modo Deus faz coisas maravilhosas, sendo o relato dos milagres, na maioria das vezes, mais extenso que os relatos sobre acontecimentos políticos ou militares (HEERS, 2004).

Considerações Finais

Como pode ser percebido, pelas informações descritas no livro ou através do próprio título da obra *O Livro das Maravilhas*, o maravilhoso está associado a ela desde sua origem, uma vez que “descreve justamente o mundo que, para o homem medieval, é a síntese de grande parte do maravilhoso presente em seu imaginário” (BUSANELLO, 2012, p. 24) e sua visão sobre o outro. O Oriente sempre esteve associado ao maravilhoso para o homem medieval e o livro de Marco Polo permitiu a construção de novas imagens acerca desse espaço desconhecido, ao mesmo tempo em que reforça mitos e lendas presentes no imaginário desses homens.

Podemos concluir que o Livro das Maravilhas é uma das obras que se destinavam aos círculos aristocráticos e cavaleirescos, fazendo parte dos livros de viagens medievais que foram amplamente difundidos ao longo dos séculos XIV e XV, e que acabou exercendo uma grande influência sobre os seus leitores. Nesse sentido, observamos na obra a parte literária e relativa ao maravilhoso que

possivelmente advém da participação Rustichello de Pisa, mas, ainda sim, compreendemos Marco Polo como constituinte dessa mentalidade e as partes mais descritivas a respeito da geografia e do comércio como uma postura mais próxima do comerciante veneziano.

Referências

Fonte:

POLO, M. **O livro das maravilhas: a descrição do mundo**. Porto Alegre: L & Pm, 1985.

Bibliografia:

BUSANELLO, Marcia R. **O Maravilhoso no Relato de Marco Polo**. São Paulo, DOI 10.11606/D.8.2012.tde-12032013-091351, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Italianas) – Universidade de São Paulo, 2012.

CHARTIER, Roger. **História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

FRANCO JR., Hilário. **As Utopias Medievais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

GARCÍA DE CORTAZAR, J. A. El hombre medieval como “Homo Viator”: peregrinos y viajeros. **Semana de Estudios Medievales de Nájera**, n. 4, p. 11-30, 1993.

HEERS, J. **Marco Polo**. Barcelona: Ediciones

Folio, 2004.

HERNÁNDEZ, Pablo C. La idea del viaje en la Edad Media. Una aproximación al espíritu del viajero y la búsqueda de nuevos mundos. **Historias del Orbis Terrarum**, [En línea], 2013.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LARNER, John. **Marco Polo y el descubrimiento del mundo**. Barcelona: Paidós, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

LE GOFF, Jacques. O maravilhoso no Ocidente medieval. In: **O Maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.

LOPES, Paulo. **Os livros de viagens medievais**. Instituto de Estudos Medievais/FCSHUNL, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POPEANGA, Eugenia. Lectura e investigación de los libros de viajes medievales. **Revista de Filología Románica**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1991.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica: Teoria da Literatura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

YERASIMOS, S. Introdução. In: POLO, M. **O livro das maravilhas: a descrição do mundo**. Porto Alegre: L & Pm, 1985, p. 11-30.